

**ENTREVISTA com Moacir Gadotti, professor titular da Universidade de São Paulo e Diretor do Instituto Paulo Freire
Brasília - Corredor Ecológico - Edição de setembro de 2009.**

Corredor Ecológico - O que é "Pedagogia da Terra"?

Moacir Gadotti - Paulo Freire escreveu *Pedagogia do Oprimido*, um livro dedicado a todos os "esfarrapados da Terra". Hoje, creio que precisamos considerar que existe um outro oprimido que é a própria Terra, o maior de todos os oprimidos. O complemento de uma *Pedagogia do oprimido* hoje é uma *Pedagogia da Terra*. Essa pedagogia se constitui num capítulo novo da pedagogia do oprimido. Por isso falo tanto em *sustentabilidade* e *educação ambiental*. Foi o modelo insustentável de vida que gerou as grandes crises atuais, todas elas interligadas. Alertas foram dados pelos ecologistas desde os anos 60 do século passado, mas não foram ouvidos. A *Pedagogia da Terra* é uma pedagogia da sustentabilidade. Sustentabilidade é um conceito polissêmico, mas é fácil entender o que é sustentabilidade pelo seu contrário: a insustentabilidade. Insustentável é a guerra, a fome, a miséria, a opressão.

Corredor Ecológico – *A fragmentação dos saberes e fazeres, alimentada fortemente pela cultura de massas, é um complicador na busca de cidadania planetária. Como enfrentar o bombardeio da chamada "sociedade do espetáculo" e buscar esse outro olhar?*

Moacir Gadotti – A fragmentação do conhecimento é um processo que começou há mais dois séculos. A ela se associou, no século XX, a espetacularização da informação e, particularmente, da notícia. Muitos, como o filósofo francês Egard Morin, tem debatido essa questão, chamando a atenção para a necessária "complexidade" do conhecimento e buscando a intertransdisciplinaridade. A escola pode dar também uma contribuição, superando, por exemplo, a visão naturalista da educação ambiental. No Brasil, as instituições de ensino podem fazer muito se levarem mais a sério a educação ambiental e assumirem uma visão mais sistêmica de causalidades múltiplas, indeterminadas e interdependentes e combinar esses itens e transformá-los em *conhecimento sistematizado* e em novos hábitos de uma vida sustentável.

Quanto à *cidadania planetária*, creio que ela é uma noção sustentada na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões, tais como: "nossa humanidade comum", "unidade na diversidade", "nosso futuro comum", "nossa pátria comum", "pátria grande" etc. Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da *civilização planetária* e da ecologia. Só por meio de uma "reforma do pensamento" (Morin), que supere o pensamento fragmentado, é que podemos sonhar com um mundo diferente, onde todos caibam, com justiça social e ecológica. E isso exige uma visão holística.

Corredor Ecológico – *Porque as escolas resistem tanto em incorporar a Ecopedagogia como uma estratégia crítica-libertadora e transformadora?*

Moacir Gadotti - A ecopedagogia está se desenvolvendo hoje seja como movimento pedagógico seja como abordagem curricular. Como a ecologia, a ecopedagogia também pode ser entendida como um *movimento social e político*. Como todo movimento novo, em processo, em evolução, ele é complexo e, pode tomar diferentes direções. A ecopedagogia implica uma *reorientação dos currículos* para que incorporem certos princípios. Esses princípios deveriam, por exemplo, orientar a concepção dos conteúdos e a elaboração dos livros didáticos. Jean Piaget nos ensinou que os currículos devem contemplar o que é significativo para o aluno. Sabemos que isso é correto, mas incompleto. Os conteúdos curriculares têm que ser significativos para o aluno, e só serão significativos para ele, se esses conteúdos forem significativos também para a saúde do planeta. Colocada neste sentido, a ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portando, a um *projeto utópico*: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Por tudo isso não é de se estranhar que ainda existem resistências à ecopedagogia nas escolas conservadoras.

Corredor Ecológico – *A violência é um dos temas que mais incomodam e preocupam a comunidade escolar. O que o senhor diria aos educadores que, com frequência, se desestimulam frente à realidade vivenciada?*

Moacir Gadotti - A violência não é um fenômeno escolar e nem é um fenômeno brasileiro. Infelizmente ela tem se banalizado mundo afora, levada à frente por "senhores da guerra", entre eles, o último presidente norte-americano, cujo nome não me atrevo a pronunciar. Dessa forma ela foi introduzida na escola e dela precisa ser banida. Nada podemos fazer na escola enquanto nela não plantarmos uma cultura de paz. Estamos hoje diante de uma escolha a fazer entre diálogo e guerra e a educação é parte

dessa escolha. Contra a *visão necrófila* do mundo e da educação, que opõe um fundamentalismo a outro fundamentalismo, que leva à depredação ambiental, à violência, que suscita e alimenta o terrorismo (político, econômico, religioso, militar, de Estado...) existe outra visão, uma *visão biófila* que promove o diálogo e a solidariedade. Por mais difícil que seja essa via, ela é a única capaz de evitar a guerra, a barbárie e o extermínio. O terrorismo não pode nos impedir de pensar com lucidez. É isso que gostaria de dizer a meus colegas educadores.

Corredor Ecológico - *“Ai de nós educadores e educadoras se deixarmos de sonhar sonhos possíveis”, disse Paulo Freire. A ecopedagogia como eixo orientador, como política pública é um sonho possível?*

Moacir Gadotti – Paulo Freire, quando faleceu, em 1997, estava escrevendo sobre o tema da ecopedagogia. Ele deixou um primeiro texto sobre ecologia publicado postumamente no livro *Pedagogia da indignação*. Creio que também ele acreditava na ecopedagogia como um sonho possível. Se Paulo Freire estivesse vivo certamente ele estaria participando desse movimento, com sua mensagem de luta e de esperança, não a esperança de quem espera passivamente, mas a esperança de “esperançar”, de fazer acontecer, de agir e lutar para tornar o sonho possível. Como dizia ele, devemos “fazer hoje o possível de hoje para fazer amanhã o impossível de hoje”.

Corredor Ecológico – *O sociólogo Boaventura de Sousa Santos fala da reinvenção do futuro como alternativa aos descaminhos da modernidade. Por onde começar?*

Moacir Gadotti – A Cristina continua me fazendo perguntas difíceis. A modernidade não cumpriu todas as suas promessas porque orientada por um paradigma predador da natureza. Os paradigma clássico da modernidade, arrogantemente antropocêntrico e industrialista, não tem suficiente abrangência para explicar a complexidade da nossa realidade atual. Por não ter essa visão holística, não consegue dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Ele está levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. Hoje estamos vivendo uma de suas crises que é uma convergência de crises. Muito mais do que uma crise econômica ela é uma crise de paradigmas civilizatórios. Boaventura de Sousa Santos ao falar de uma reinvenção do futuro está justamente criticando esse paradigma. Só a partir de um novo paradigma de produção e de reprodução de nossas vidas é que poderemos superar os problemas do aquecimento global, da desertificação, do desflorestamento, da água, do lixo e dos problemas que atingem humanos e não-humanos. Por onde começar? Pela leitura crítica do mundo, como nos ensinou Paulo Freire.